

QUEM NÃO LÊ, MORA NA CASCA

Produzir mais do que se lê é viver de aparência: a casca sustenta a forma, mas quem não a rompe jamais alcança a clara, a gema e a essência.

AINOR LOTÉRIO

Há uma doença silenciosa entre os que falam muito: a pressa de dizer sem o trabalho de compreender. Escrevem, postam, opinam, aconselham — e não leem. Produzem mais do que absorvem. E assim vão gastando, ano após ano, um capital que nunca foi depositado. É a vida na superfície, o endereço fixado na casca.

1. A casca protege, mas não alimenta

O ovo é a mais honesta das imagens. A casca existe para proteger, não para nutrir. É dura, lisa, apresentável; dá ao ovo a forma perfeita, o volume, o brilho discreto. Mas ninguém se sustenta de casca. O que alimenta está dentro: a clara, que dá estrutura, e a gema, que dá vida. E só chega lá quem tem a coragem de quebrar.

Ler é quebrar. É admitir que o pensamento pronto não basta, que a certeza de ontem precisa de contraditório, que existe alguém que já pensou aquilo melhor do que nós. Quem não lê não se arrisca a esse desconforto: prefere a casca inteira, intacta, apresentável — e chama isso de opinião.

A tradição bíblica trata o livro exatamente como alimento, e não como enfeite. Ao profeta é ordenado que coma o rolo antes de falar: “*Filho do homem, come o que encontras... e depois vai falar à casa de Israel*” (Ez 3,1-3). Só fala com autoridade quem antes digeriu. O mesmo se repete no Apocalipse, quando o livro é devorado e se torna doce na boca e amargo no ventre (Ap 10,9-10) — porque a verdade assimilada sempre incomoda antes de iluminar.

2. A ciência do que a pressa destrói

Não se trata de nostalgia. A neurocientista Maryanne Wolf demonstrou que o cérebro humano não nasce programado para ler: o circuito da leitura é uma construção cultural, aprendida, e nele se assenta o que ela chama de *leitura profunda* — inferência, analogia, empatia, pensamento crítico. Esse circuito não é gratuito. Ele se atrofia quando substituído pela varredura rápida de telas, pelo hábito de saltar de fragmento em fragmento sem nunca permanecer.

“O que lemos, como lemos e por que lemos modificam o modo como pensamos.” — Maryanne Wolf

Nicholas Carr, ao estudar os efeitos cognitivos da conexão permanente, chegou à mesma conclusão por outro caminho: a rede nos torna hábeis em coletar e incompetentes em aprofundar. Ganhamos velocidade e perdemos espessura. Byung-Chul Han descreve o resultado social disso como uma sociedade do desempenho, exausta de produzir e incapaz de contemplar. Produz-se muito porque parar assusta.

3. Informação não é formação

O grande engano do nosso tempo é confundir informação com formação. A informação circula pela casca, escorrega, não penetra. A formação exige demora, releitura, silêncio, anotação à margem. Uma se consome em segundos; a outra se constrói em décadas. E é sempre a segunda que aparece quando alguém precisa de nós de verdade.

Sêneca já advertia Lucílio de que a multidão de livros dispersa o espírito, e recomendava a companhia demorada de poucos autores comprovados. Não se trata, portanto, de ler muito, mas de ler fundo. Um livro mastigado vale mais que cinquenta folheados. Mortimer Adler chamou a isso leitura analítica: aquela em que o leitor conversa com o autor, discorda, resume, verifica, e sai do texto diferente de como entrou.

Paulo Freire acrescenta o essencial: a leitura da palavra é precedida pela leitura do mundo. Quem não lê a palavra fica com um mundo apenas sentido, nunca compreendido. E quem lê a palavra sem ler o mundo torna-se erudito estéril. As duas leituras se sustentam mutuamente — como a clara e a gema.

4. A lição da lavoura

Na lavoura aprendi que semente sem umidade não germina. Fica ali, guardada, aparentemente perfeita, e apodrece com a forma preservada. O leitor é o solo úmido de quem pensa. Sem leitura, as ideias permanecem sementes decorativas: bonitas na mão, estéreis na terra.

Quem produz mais do que lê acaba repetindo-se. Primeiro com entusiasmo, depois com esforço, por fim com constrangimento. É o poço que dá água enquanto tem lençol; secado o lençol, resta o balde raspando a pedra e o barulho substituindo o líquido. Muito ruído, nenhuma sede saciada. Este é o princípio que sustenta a **Agrosafia**: nada que se colhe dispensa o que se enterrou antes, no escuro, sem plateia.

5. O preço adiado da superficialidade

A superficialidade é confortável porque não cobra na hora. Não pede tempo, não exige revisão, não expõe a ignorância. Mas ela cobra depois, e cobra caro: cobra na hora de decidir, de aconselhar um filho, de conduzir uma equipe, de sustentar uma convicção diante de quem estudou. Aí a casca se rompe sozinha — e por dentro não há nada.

Santo Agostinho descreve a virada de sua vida com duas palavras ouvidas no jardim: *tolle, lege* — toma e lê. Não foi um espetáculo que o converteu, foi uma página. E, quando a leitura entra de verdade, ela não se limita a informar: reforma o modo de olhar, corrige o julgamento apressado, dá humildade ao que antes era arrogância. Em tempos de inteligência artificial, isso se torna ainda mais decisivo: a máquina entrega respostas prontas em segundos, mas só o leitor formado sabe perguntar, duvidar e discernir o que recebeu.

Enquanto isso não acontecer, permanece o veredito simples: quem não lê mora na casca. Tem endereço, tem forma, tem aparência. Mas nunca provou a clara nem a gema — e a essência das coisas seguirá, para sempre, do lado de fora do seu alcance.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. **Como ler livros**: o guia clássico para a leitura inteligente. São Paulo: É Realizações, 2010.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Livro VIII. São Paulo: Paulus, 1997.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ezequiel 3,1-3; Apocalipse 10,9-10. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. Carta II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.

DO PRÓPRIO AUTOR — PORTAIS

- LOTÉRIO, Aínor F. **Entre café e filosofia: saborear ideias na era da conexão radical**. Portal Aínor Lotério. Disponível em: www.ainor.com.br.
- LOTÉRIO, Aínor F. **O poder da mente na motivação humana e o uso inteligente da inteligência artificial**. Portal Aínor Lotério. Disponível em: www.ainor.com.br.
- LOTÉRIO, Aínor F. **Inteligência artificial a nosso favor**: benefícios, desafios e adequação ao uso no ambiente de trabalho. Portal Aínor Lotério. Disponível em: www.ainor.com.br.
- LOTÉRIO, Aínor F. **A trajetória, o portal e a presença digital de Aínor Lotério**: uma identidade que antecede o algoritmo. Portal Lotério. Disponível em: www.loterio.com.br.
- LOTÉRIO, Aínor F. **Pais frouxos, filhos sofrendores; pais firmes, filhos felizes**. Camboriú, SC.
- LOTÉRIO, Aínor F. **Paixão pelo cooperativismo**. Camboriú, SC.

O AUTOR

Aínor Lotério é homem da terra e da palavra. Filho de agricultores, cresceu entre a lavoura e a comunidade, e fez da vida um exercício de escutar antes de falar. Passou décadas caminhando ao lado de famílias rurais, cooperativas e comunidades, onde aprendeu que a sabedoria mais firme costuma vir de quem tem calo nas mãos e paciência no olhar. Hoje escreve, fala e planta no Sítio Agrosofia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, SC — convencido de que estas três coisas são, no fundo, a mesma.